

Sintagmas adverbiais como especificadores de projeções funcionais¹

Mauro Simões de Sant'Ana*

Resumo – Este trabalho apresenta uma proposta de análise dos sintagmas adverbiais de acordo com a qual eles são inseridos na hierarquia sintática como especificadores. Tradicionalmente, a teoria lingüística procura explicar a opcionalidade e localização variável dos advérbios na sentença considerando-os como adjuntos. A ausência de simetria detectada nas línguas e o ordenamento fixo relativo de advérbios contrariam essa visão. Para explicar esses fenômenos, CINQUE (1999) prefere adotar a Hipótese do Especificador. A análise de dados do português mostrou-se compatível com a proposta de Cinque.

Palavras-chave – Teoria gerativa. Sintaxe. Ordem de palavras. Projeto cartográfico. Advérbios.

Introdução

Este trabalho examina a posição dos sintagmas adverbiais (AdvPs) dentro da estrutura sintática. Mais especificamente, será analisada a fundamentação conceitual e empírica da abordagem que considera AdvP como especificador de projeção funcional e sua aplicabilidade em alguns dados da língua portuguesa.

Geralmente, advérbios e outros constituintes com função adverbial são vistos como elementos sintáticos com mobilidade na sentença e com ação semântica modificadora sob o complexo predicado – argumento. Como pode ser visto em (1), o advérbio modifica o evento, especificando-o com informações de tempo (1a), de lugar (1b) e de modo (1c).

(1) a- João leu o livro *ontem*

b- João leu o livro *na sala*.

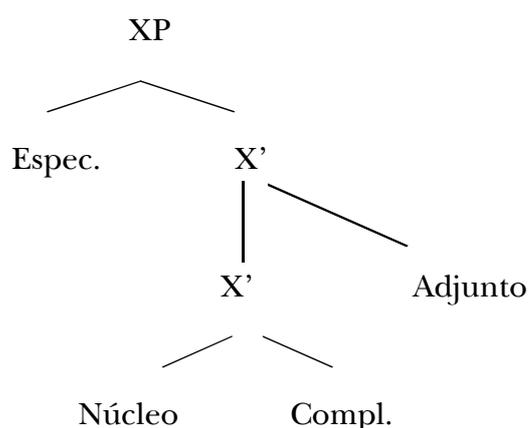
c- João leu o livro *cuidadosamente*.

Segundo essa visão, os constituintes adverbiais ou com função adverbial são chamados de modificadores ou de adjuntos. A Teoria X-Bar-

* Mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: mauro.santana36@bol.com.

ra² contempla a adjunção, explicando a possibilidade de os constituintes adverbiais serem atados à estrutura já formada pela união do núcleo + complemento, como pode ser visualizado na árvore abaixo:

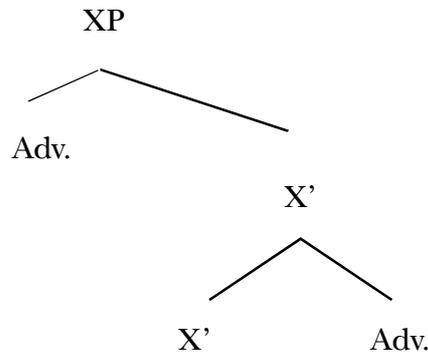
(2)



Essa representação adotada por CHOMSKY (1986, 1993); HAEGMAN (1994); MIOTO ET ALII (1999), entre outros, explicita a propriedade dos adjuntos de diferirem estruturalmente de complementos, porque não são irmãos do núcleo X, mas de uma estrutura intermediária X'; e de diferirem de especificadores, porque não tomam a projeção máxima como complemento ou predicado. Outra diferença representacional que difere adjuntos de complementos e especificadores é que os primeiros são apêndices acessórios, não sendo selecionados pelo núcleo X.

Essa abordagem, a princípio, fornece uma explicação suficiente para as inúmeras evidências, facilmente encontradas nas diversas línguas naturais, que apontam a localização variável dos AdvPs na estrutura sintática. Conceitualmente, a adjunção é um processo irrestrito (pode ser aplicado recursivamente, sem restrições sintáticas) e não condicionado por qualquer tipo de parâmetro de direcionalidade. Em outras palavras, sob a abordagem da adjunção espera-se que os AdvPs possam ser adjungidos a qualquer projeção intermediária, tanto à esquerda como à direita, como na representação abaixo:

(3) Adjunção de AdvPs



Porém, a ausência de simetria é facilmente demonstrada nos exemplos abaixo do português brasileiro:

(4) a- Maria dançou **bem** para o público.

b- *Maria dançou para o público **bem**.

O AdvP *bem* seguindo imediatamente o verbo em (4a) não pode aparecer em posição de fim de sentença, como mostra a agramaticalidade de (4b), a menos que seja acompanhado de marcas prosódicas como acento forte, pausa etc. Mas tal restrição não é prevista na representação sintática da adjunção vista acima.

Além disso, as sentenças em (5), abaixo, indicam que a leitura do AdvP *amavelmente*, no domínio à esquerda, não é preservada na posição de fim de sentença. Em (5a) *amavelmente* possui uma leitura de modalidade orientada pelo sujeito e a sentença pode ser parafraseada da seguinte forma: 'Foi uma atitude amável de Maria distribuir os doces'. Em (5b) o mesmo AdvP possui uma leitura de modo e a sentença pode ser parafraseada da seguinte forma: 'Maria praticou a ação de distribuir os doces de forma amável'.

(5) a- Maria amavelmente distribuiu os doces.

b- Mria distribuiu os doces amavelmente.

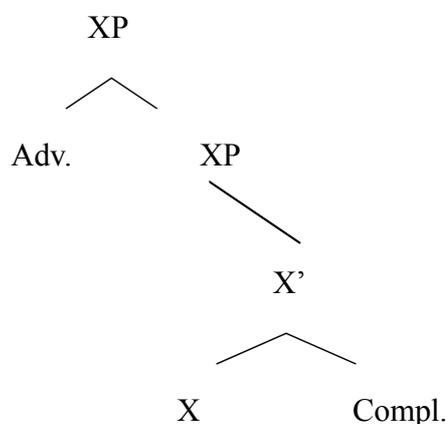
No entanto, se a adjunção fosse simétrica, todos os AdvPs posicionados na periferia esquerda da sentença poderiam ser encontrados também na periferia direita sem ocorrência de agramaticalidade ou alteração de leitura.

Sob a hipótese da adjunção, portanto, a inserção do adjunto na estrutura sintática precisa ser associada a fatores semânticos para fornecer explicação às diferentes interpretações dos AdvPs quando aparecem em diferentes posições na sentença.

A classificação dos AdvPs em várias subclasses pode ser entendida como uma tentativa de fornecer generalizações para a atuação de fatores semânticos na determinação do local de sua adjunção. Uma distinção básica apresentada em JACKENDOFF (1972) diferencia AdvPs de sintagmas verbais (VPs) e AdvPs de sentença. Essa distinção é aprimorada em estudos subsequentes (MCCONEELL-GINET, 1982; LAENZLINGER, 1998; ERNST, 1998; entre outros). Permanece, no entanto, um consenso de que a cláusula deve ser partida em domínios específicos sobre os quais os AdvPs tomam escopo.

CHOMSKY (1986) introduz restrições na operação de adjunção, propondo que constituintes somente podem ser adjungidos a projeções máximas não argumentais. Abaixo, representamos em (6) a “adjunção chomskyana”:

(6)



Como podemos observar, o adjunto, na representação acima, sai de dentro do sintagma verbal e torna-se uma “varanda” de projeção máxima. Desta forma, portanto, explica-se a restrição semântica no posicionamento do AdvP através de uma fundamentação sintática. Em outras palavras, é proposta uma relação de afinidade semântica entre o adjunto e a projeção máxima a que está ligado na árvore.

No entanto, tratar os AdvPs como “varandas” de projeções máximas impõe uma desvantagem descritiva: a impossibilidade de se postular determinadas operações sintáticas, como checagem de traços, cuja obrigatoriedade poderia explicar com maior adequação as referidas restrições de posicionamento dos AdvPs.

A fim de fornecer uma abordagem estritamente sintática para as propriedades dos sintagmas adverbiais, uma nova análise posicional dos AdvPs tem sido proposta nos últimos anos. CINQUE (1999) apresenta razões para localizar o AdvP em posição de especificador dentro da camada funcional da sentença. Segundo o autor, nessa posição, as relações sintáticas estabelecidas entre os AdvPs e os núcleos por si só estabeleceriam uma hierarquia universal de AdvPs, que explicaria evidências nas línguas de posições fixas nas sentenças para esses sintagmas; além disso, essas relações sintáticas implementariam as variações interpretativas observadas acima.

A seguir, apresentaremos com mais detalhes a fundamentação teórica e empírica para essa nova proposta de Cinque, que denominaremos Hipótese do Especificador. Em seguida, utilizando o mesmo método aplicado por CINQUE (1999), principalmente para o italiano, tentaremos mapear também para o português uma hierarquia de AdvPs. Submetemos alguns ordenamentos de AdvP ao julgamento de aceitabilidade de falantes nativos do português brasileiro. Na última seção deste artigo apresentamos os resultados.

1. AdvPs como especificadores de projeções funcionais

As razões conceituais da hipótese do AdvP como especificador assestam-se na proposta de uma camada funcional expandida. De acordo com POLLOCK (1989), acima da camada lexical, diversas informações gramaticais como tempo, aspecto, modalidade, negação, entre outras, são alocadas em uma ordem fixa. Essas informações são licenciadas por núcleos que, por sua vez, projetam seus respectivos especificadores. CINQUE (1999) localiza justamente nos especificadores da categoria flexional estendida os diversos tipos de AdvPs.

CINQUE (2002) apresenta evidências empíricas para argumentar a favor da hipótese de que os AdvPs pertencem à categoria funcional da sentença. Uma das evidências vem da morfologia: o autor observa que, entre as diversas línguas naturais, o número e o tipo de advérbios e suas

ordens relativas fixas parecem ser exatamente o número, o tipo e as ordens relativas fixas dos morfemas, conforme postulado pelo Princípio do Espelho (cf. BAKER 1985). Segundo Cinque, os AdvPs são manifestações da categoria funcional da sentença, assim como as partículas funcionais, os verbos auxiliares e a morfologia flexional. ALEXIADOU (1997) aproxima as classes de advérbios a projeções funcionais específicas, utilizando também a correlação sintagma-morfema. O autor colhe evidências do grego, ressaltando que essa língua motiva uma projeção aspectual para traço perfectivo *versus* traço imperfectivo. Esses traços interagem com advérbios tais como *sinisthos* 'usualmente' e *djo fores* 'outra vez'. O primeiro é possível com a forma imperfectiva, mas não com a perfectiva, enquanto o último mostra a restrição reversa. Alexiadou também mostra que a ordem relativa dos advérbios emparelha-se com a ordem relativa dos morfemas: sufixos indicando modalidade estão mais longe da raiz que os morfemas indicando aspecto; paralelamente, advérbios aspectuais obrigatoriamente aparecem mais baixo na representação que os advérbios epistêmicos, sensíveis à modalidade da sentença.

Outra evidência oferecida por Cinque a favor da natureza funcional dos advérbios vem do estudo das línguas de sinais. Nessas línguas, a informação lexical transmitida pelos verbos e constituintes nominais é transmitida exclusivamente com as mãos. Por outro lado, a informação funcional caracteristicamente apresenta uma marcação manual ou não-manual. O autor considera interessante justamente o fato de que tanto na Língua de Sinal Americana como na Língua de Sinal Italiana o advérbio apresenta uma marcação manual ou uma não-manual, assim como as outras informações funcionais de negação, concordância, aspecto etc.

O estudo da aquisição da linguagem fornece mais uma evidência. Cinque cita o trabalho de SCHLYTER (2001) em que o estudo longitudinal de um grupo de crianças bilíngües conclui que, em estágios iniciais, somente há evidências de advérbios baixos, como os aspectuais, e que somente em estágios mais tardios aparecem advérbios especificando categorias funcionais mais altas, como os de tempo, ato de fala ou orientados pelo sujeito. Cinque considera que tais resultados advogam a favor da hipótese do advérbio como especificador de projeções funcionais, uma vez que a emergência de advérbios na aquisição da linguagem está associada à emergência dos núcleos funcionais a que eles pertencem.

Portanto, as restrições quanto ao ordenamento relativo de AdvPs podem ser explicadas sob a hipótese do especificador, considerando que elas seguem do ordenamento relativo fixo de núcleos funcionais através da relação geral de concordância entre especificador/núcleo. Um AdvP em posição de especificador deve apresentar um conjunto de traços sintáticos exigidos por um núcleo.

A partir da análise de POLLOCK (1989) segundo a qual AdvPs ocupam posições fixas e os verbos possuem a propriedade de poder sofrer movimento, Cinque desenvolve ainda mais seus argumentos mostrando que há uma posição de núcleo imediatamente à esquerda e uma posição de núcleo imediatamente à direita de cada advérbio.

O raciocínio pode ser esquematizado da seguinte forma: dados dois elementos de categoria similar A e B, observamos uma ordem imutável onde A sempre precede B. Se um terceiro elemento C for considerado, as únicas ordens encontradas serão C – A – B, A – C – B ou A – B – C. Todas as outras ordens são agramaticais. Cinque trata os elementos A e B como advérbios ocupando posições fixas na arquitetura frasal, e trata o elemento C como um núcleo verbal (incluindo verbos finitos, auxiliares e participios) movendo-se para posições de pouso acima ou entre os elementos A e B. A impossibilidade das ordens B – C – A, B – A – C ou C – B – A segue diretamente da estrutura frasal, como já foi apontado acima.

Para preencher seu esquema, CINQUE (1999) utiliza o participio passado ativo italiano *rimesso*, que pode preceder ou seguir cada AdvP na seqüência reproduzida aqui em (7 a-c). Em todas as alternativas a ordem dos AdvPs é preservada. Quando a ordem é rompida, uma sentença agramatical é gerada (7 d-f). Ou seja, a ordem de A (*mica*) é fixada em relação a B (*più*), mesmo quando eles não são adjacentes, mas a ordem de C (*rimesso*) relativa a esses dois itens é livre.

(7) a. Da allora, non hanno **rimesso** mica più tutto bene in ordine.

b. Da allora, non hanno mica **rimesso** più tutto bene in ordine.

c. Da allora, non hanno mica più **rimesso** tutto bene in ordine.

‘Desde então, não tem mais posto usualmente tudo bem em ordem’

d. * Da allora, non hanno **rimesso** più mica tutto bene in ordine.

e. * Da allora, non hanno più **rimesso** mica tutto bene in ordine.

f. * Da allora, non hanno più mica **rimesso** tutto bene in ordine.

Apresentamos, a seguir, uma parte dos dados do italiano utilizados por CINQUE (1999) para exemplificar ordenamentos fixos de AdvPs. O autor aproveita a classificação de JACKENDOFF (1972) para os AdvPs orientados pelo falante e acrescenta o AdvP irrealista *forse* ‘talvez’ que, segundo ele, segue os pragmáticos, os avaliativos e os modais, e os AdvPs de tempo *ora* ‘agora’ e *allora* ‘então’, que precedem *forse* e seguem os modais. Cinque apresenta, portanto, a seguinte escala: (i) AdvPs pragmáticos; (ii) AdvPs avaliativos; (iii) AdvPs modais; (iv) AdvPs de tempo; (v) AdvPs irrealistas. As sentenças com asterisco são consideradas por Cinque como agramaticais por não obedecerem ao ordenamento fixo relativo:

Forse segue advérbios modais, como *probabilmente* ‘provavelmente’:

(8) a. Gianni sara probabilmente forse ancora in grado di aiutarci.

‘G. provavelmente talvez ainda será capaz de nos ajudar’

b. *Gianni sara forse probabilmente ancora in grado di aiutarci.

Os AdvPs modais seguem os avaliativos, como *per fortuna* ‘por sorte’:

(9) a. Gianni ha per fortuna probabilmente accettato.

‘G. tem por sorte provavelmente aceito’

b. *Gianni ha probabilmente per fortuna accettato.

Os avaliativos seguem os AdvPs pragmáticos (também chamados ilocucionários) como *francamente*:

(10) a. Francamente ho purtroppo una pessima opinione di voi.

‘Francamente tenho infelizmente uma péssima opinião sua’

b. *Purtroppo ho francamente una pessima opinione di voi.

Ora antecede *forse* e segue *probabilmente*. Cinque observa que *ora* pode preceder *probabilmente*, porém em posição de tópico.

(11) a. Gianni è ora forse partito.

‘G. tem agora talvez partido’

b. *Gianni è forse ora partito.

(12) a. Probabilmente ora ci ascolterà.

‘Provavelmente agora (ela/ele) nos escutará.’

b. *Ora probabilmente ci ascolterà.* (*ora* aqui em posição de tópico)

2. Aplicando a Hipótese do Especificador à Língua Portuguesa

Nesta seção, verificaremos a existência de uma ordem relativa de AdvPs do português, de acordo com o método utilizado por Cinque para mapear a ordem relativa de AdvPs do italiano. Avaliaremos a capacidade da Hipótese do Especificador de explicar ocorrências em que os AdvPs impõem evidentes restrições para seu posicionamento, além de algumas outras ocorrências em que pelo menos aparentemente verifica-se violação da ordem fixa proposta para AdvPs.

Apresentamos, numa folha de questionário, os quatro pares de sentenças que seguem abaixo no Quadro 1 ao julgamento de gramaticalidade de vinte falantes nativos graduandos da Faculdade de Filosofia e Letras de Macaé. Em cada par uma versão obedece a uma parte da hierarquia estabelecida por Cinque (+Cinque) e outra versão apresenta ordenamento invertido (-Cinque). Escolhemos a seguinte seqüência para este teste: ATO DE FALA > AVALIATIVO > EPISTÊMICO > IRREALISTA > TEMPO. Para cada par, os sujeitos foram instruídos a julgar qual ordenamento consideravam aceitável, marcando um X no fim da sentença escolhida. Os sujeitos foram instruídos também a marcar as duas sentenças do par, caso julgassem as duas aceitáveis, ou não marcar nenhuma sentença, caso julgassem as duas não aceitáveis.

Quadro 1 – Ordenamentos de AdvPs

+Cinque	-Cinque
Francamente felizmente João serviu o bolo.	Felizmente francamente João serviu o bolo.
Felizmente provavelmente João servirá o bolo.	Provavelmente felizmente João servirá o bolo.
Provavelmente talvez João servirá o bolo.	Talvez provavelmente João servirá o bolo.
Provavelmente agora João servirá o bolo.	Agora provavelmente João servirá o bolo.

De acordo com Cinque, a modalidade ato de fala marca a força ilocucionária da sentença e é o núcleo mais alto do IP. Correspondentemente, os AdvPs pragmáticos ou ilocucionários, como *francamente* e *sinceramente*, ficam à esquerda de AdvPs avaliativos como *surpreendentemente* e *felizmente* quando entram em uma ordem relativa, como visto acima. Aparentemente, no português as duas ordens são aceitas. Apenas dois sujei-

tos consideraram não aceitável a ordem que contraria a hierarquia de Cinque e um sujeito considerou as duas ordens inaceitáveis.

(13) a. Francamente felizmente João serviu o bolo.

b. Felizmente francamente João serviu o bolo.

(14) a. Sinceramente surpreendentemente João serviu o bolo.

b. Surpreendentemente sinceramente João serviu o bolo.

Os AdvPs epistêmicos, como *provavelmente*, de acordo com Cinque, seguem os avaliativos. De acordo com o julgamento de quinze sujeitos a ordem *felizmente* > *provavelmente* e a inversa são aceitas. Três sujeitos consideraram as duas ordens não aceitáveis e dois sujeitos consideraram apenas a ordem *felizmente* > *provavelmente* aceitável.

(15) a. Felizmente provavelmente João servirá o bolo.

b. Provavelmente felizmente João servirá o bolo.

A ocorrência de *talvez* precedendo ou seguindo o epistêmico foi julgada não aceitável por todos os sujeitos, contrariando a ordem estabelecida acima por Cinque.

(16) a. *Provavelmente talvez João servirá o bolo.

b. *Talvez provavelmente João servirá o bolo.

Finalmente, quatorze sujeitos preferiram, de acordo com a ordem estabelecida por Cinque, a ocorrência de *agora* seguindo o epistêmico e também a ordem inversa. Quatro sujeitos aceitaram apenas a ordem epistêmico > tempo. Apenas dois sujeitos rejeitaram ambas as ordens.

(17) a. Provavelmente agora João servirá o bolo.

b. Agora provavelmente João servirá o bolo.

2.1 Discussão

Como vimos, o *corpus* fornecido por Cinque, selecionado para ilustrar as ordens fixas de AdvPs neste trabalho, aparentemente não pode ser enriquecido com dados do português. Vejamos, no entanto, por que as transgressões do português à hierarquia de Cinque podem ser consideradas aparentes contra-exemplos de acordo com os próprios argumentos de CINQUE (1999).

Primeiramente, a rejeição da ordem *provavelmente* > *talvez* pode ser explicada da seguinte forma: no português, o item lexical *talvez* possui

um traço semântico que o inclui entre os epistêmicos. Desta forma, como *provavelmente* e *talvez* pertencem à mesma classe, não podem co-ocorrer.

Há um outro fenômeno observado no português que aparentemente contraria os ordenamentos estabelecidos por Cinque: determinados AdvPs podem preceder ou seguir outros AdvPs, como vimos acima em (13), (14), (15) e (17). Nos três primeiros pares, porém, a mudança na posição do advérbio acarreta mudança em sua interpretação. Esse fenômeno nos leva a considerar que, por exemplo, na seqüência *francamente* > *felizmente* o advérbio *francamente* é interpretado associado à modalidade ato de fala e *felizmente* interpretado como orientado pelo sujeito. Mas na seqüência *felizmente* > *francamente* o advérbio *francamente* pode ser interpretado como orientado pelo sujeito e *felizmente* interpretado como avaliativo. Em outras palavras, são advérbios diferentes, gerados em lugares diferentes, apesar de possuírem a mesma forma.

A grande aceitação da ordem *agora* > *provavelmente*, que contraria a hierarquia estabelecida por Cinque, também pode ser considerada um aparente contra-exemplo. A explicação fornecida por Cinque para casos como esse é que *agora* precedendo o modal encontra-se em posição de tópico. Ou seja: na verdade, teria um movimento e não propriamente o rompimento da ordem relativa fixa.

3. Considerações finais

Considerar os advérbios como adjuntos na estrutura sintática é a abordagem clássica e familiar dentro dos estudos lingüísticos. A teoria X-Barra padrão representa os advérbios em geral introduzindo-os na estrutura sob a operação da adjunção. Como o adjunto não possui uma relação imediata com o núcleo, a “liberdade semântica” serve como explicação para a flexibilidade posicional dos AdvPs na sentença.

Porém, o fato da leitura dos AdvPs modificar-se de acordo com a posição em que aparecem na sentença contraria a idéia de que os adjuntos são transportáveis. Ao contrário, sugere que as posições sintáticas disponíveis para modificação são sensíveis ao tipo de advérbio e vice-versa.

Diante de fortes evidências contrárias já discutidas acima, a opção de que a adjunção de AdvPs é completamente livre deve ser descartada. A distinção referida por JACKENDOFF (1972) entre AdvPs sentenciais e AdvPs

internos ao sintagma verbal já captura o fato de que há AdvPs que preferem adjungir-se a categorias lexicais e outros a categorias funcionais.

Para que a hipótese da adjunção seja mantida uma opção é considerar que os AdvPs devem ser adjungidos aos sintagmas obedecendo a determinadas restrições. Essa opção guarda em si um debate sobre quais tipos de restrições atuariam para determinar o tipo de categoria modificada pelo AdvP. Sob uma orientação semanticista, princípios semânticos determinariam o aparecimento de certos tipos de modificadores dentro de certos domínios. Sob uma orientação sintaticista, o que determinaria a interpretação do modificador seria seu ponto de inserção na estrutura e a distribuição adverbial seria regulada pela sensibilidade de determinados tipos de AdvPs a diferentes traços contidos dentro das projeções das sentenças.

Para Cinque, a abordagem sintaticista é a preferida; porém, segundo o autor, ela torna-se mais elegante e econômica caso os AdvPs sejam considerados como especificadores de projeções funcionais. A checagem de traços entre núcleo e especificador passa a ser o mecanismo sintático disponível capaz de explicar as restrições de posicionamento dos AdvPs referentes aos domínios sintáticos sobre os quais tomam escopo. Além disso, a ordem dos AdvPs na categoria funcional correspondente à ordem de informações contidas nos núcleos explica evidências colhidas por Cinque de ordenamentos fixos de advérbios.

Para os casos referidos de polissemia, a classificação de Cinque permite pensar que, na verdade, os AdvPs que podem aparecer em mais de uma posição pertencem a mais de uma classe, sendo gerados em uma posição ou em outra, dependendo dos traços que serão checados com o núcleo funcional. A Hipótese do Especificador possui, portanto, além de méritos descritivos, uma fundamentação conceitual que falta à Hipótese da Adjunção.

Os dados do português apresentados no corpo deste trabalho fortalecem a idéia de que os AdvPs entram em ordenamentos fixos. Verificamos uma série de restrições quanto à ordem de determinados AdvPs em relação a outros, que refletem a ação da hierarquia posicional de tipos de AdvPs estabelecida por Cinque.

Alguns AdvPs do português podem aparecer em mais de uma posição sintática, o que aparentemente contraria a idéia de ordem fixa de

AdvPs. No entanto, como vimos, cada posição ocupada por um AdvP se relaciona a uma interpretação específica.

Notas

¹ Este trabalho resume minha dissertação de mestrado defendida em abril de 2005, sob orientação do professor Humberto Peixoto Meneses, no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da FL/ UFRJ.

² Um dos módulos da gramática, de acordo com a Teoria da Regência e Ligação (cf. CHOMSKY, 1981).

Adverb Phrases as Specifiers of Functional Projections

Abstract – This article presents the proposal that adverbial phrases in Portuguese are inserted in syntactic structures as specifiers, following CINQUE (1999). This analysis calls into question the traditional claim that adverbs are adjuncts. However, as shown in the study, the absence of symmetry and the relative fixed ordering of adverbs favor the adoption of Cinque's Specifier Hypothesis.

Keywords – Generative Theory. Syntax. Word order. Cartographic project. Adverbs

Referências bibliográficas

ALEXIADOU, A. The syntax of adverbs: puzzles and results. *Glott International*, v. 6, n. 2/3, Feb.-Mar 2002.

BAKER, Mark. *The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation*. LI 16. 373-416, 1985..

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. (eds). *The view from building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

_____. *Knowledge of language – its nature, origin and use*. Praeger Special Studies. Westport: Greenwood, Connecticut, 1986.

CINQUE, G. *Issues in Adverbial Syntax*. University of Venice, 2002.

_____. *Adverbs and Functional Heads: A cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

HAEGEMAN, L. *Introduction to government and binding theory*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1972.

LAENZINGLER, C. *Comparative Studies in Word Order Variation*. Amsterdam: Benjamins, 1998.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

MCCONNELL-GINET, S. Adverbs and logical form: a linguistically realistic Theory. *Language*, v. 58, n. 1, Mar., 1982, p. 144-184.

MIOTO, C. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.

POLLOCK, J.Y. Verb Movement, Universal Grammar, and The Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, n. 20, 1989.

SCHLYTER, S. *Adverbs and Functional Categories in L1 and L2 acquisition of French*.ms., Univ.fo Lund, 2001.

Recebido e aprovado para publicação em junho de 2007.